

Ele tinha o mundo a seus pés.
Infelizmente, o inferno estava prestes
a se apoderar de seu corpo de 11 anos.

A SOMBRA DE UMA GRANDE DOR

POR MATTHEW ENGEL

AINDA TRAGO na memória a nítida lembrança de Laurie naquela manhã de primavera, encostado no carro, vestindo seu casaco escolar verde e calça preta. Lembro-me de ficar assustado com a rapidez com que ele vinha crescendo. Era o primeiro dia do semestre letivo, e Laurie tinha acabado de me prometer que faria o teste para a equipe infantil de esportes.

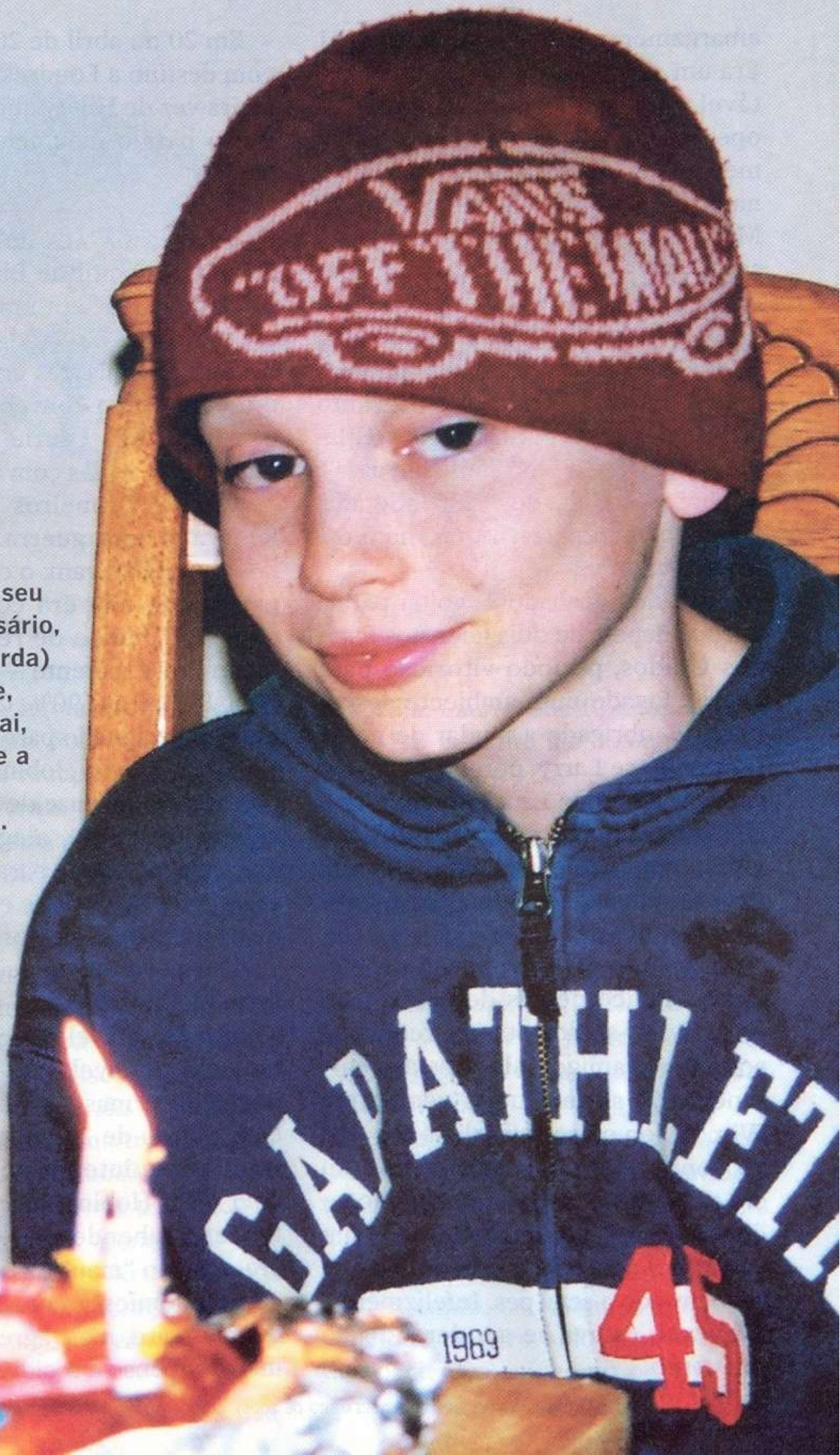
Primeiro precisava submeter-se ao que parecia ser uma consulta médica de praxe. Estava às vésperas do 12º aniversário e, em toda a sua vida, nunca tivera nada mais grave do que um

pé-de-atleta, até que, alguns dias depois do Natal, começara a reclamar de dor no ânus.

“Hemorróidas!”, decretei. “A maldição da família!” Aliás, cheguei a escrever um dia na minha agenda: “As hemorróidas estão acabando com o Laurie.” Frase que se tornou a mais



Laurie em seu
13º aniversário,
e (à esquerda)
com a mãe,
Hilary, o pai,
Matthew, e a
irmã mais
nova, Vika.



amargamente irônica que já escrevi. Era um abscesso, disse o clínico, tratável com uma cirurgia simples. A operação transcorreu bem, e vários médicos garantiram que não havia nada com que nos preocuparmos. Mas a dor não passava. E, em abril, surgiu um inchaço estranho ao redor da área genital.

Até esse dia, acho que éramos uma família invejável. Morávamos numa casa confortável, num belo recanto da Inglaterra: eu; minha mulher, Hilary; Laurie, nosso filho “feito em casa”; e Vika, nossa filha de 5 anos, adotada, depois de muitas aventuras, num orfanato russo.

Tínhamos acabado de voltar para a Europa depois de dois anos nos Estados Unidos, período vitorioso para Laurie. Jogado num ambiente desconhecido, obrigado a mudar de nome (tornando-se Larry, porque os americanos acham que Laurie é feminino), ele tinha vencido o começo difícil e virado um astro dentro e fora da sala de aula. Era sociável, seguro, divertido e encantador.

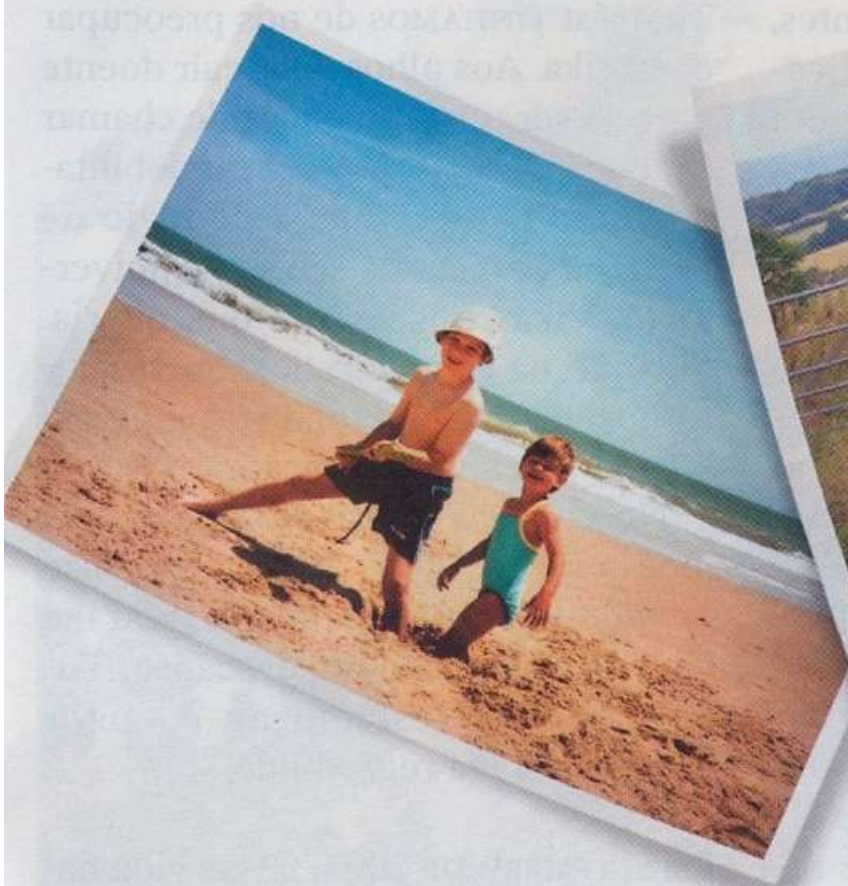
Mas não se transformou num americano. Pouco depois de voltar para casa, livrou-se do sotaque, reuniu-se aos antigos amigos e logo estava cursando a 7ª série. Queria vencer em Wimbledon ou ser jornalista esportivo, sonhos dos quais pelo menos um era plausível: Laurie era ótimo jogador de tênis – mas também tinha um admirável estilo de escrever. Parecia ter o mundo a seus pés. Infelizmente, o inferno estava se apoderando do seu corpo.

Em 20 de abril de 2004, num trem com destino a Londres, ouvi pela primeira vez de Hilary, numa péssima ligação para o meu celular, a palavra “tumor”.

O NÚMERO DA ALA de oncologia no Hospital Infantil de Birmingham é o 15. “Oncologia” era um termo com o qual jamais havia deparado, nem mesmo em palavras cruzadas. Mas é um eufemismo conveniente: “estudo dos tumores”. Laurie passou o ano seguinte às voltas com a ala 15.

Aqueles primeiros dias hoje me lembram uma guerra. Os médicos nos tranquilizavam: o câncer infantil, garantiam, não era como o câncer adulto. O índice de recuperação se mostrava excelente – falava-se em 70%, 80% e até 90%. Conhecemos o médico designado para tratar de Laurie, o Dr. David Hobin, a quem logo passamos a chamar de Dave. Era um sujeito tranquilo, alegre. Falei que queria levar Laurie para ver o jogo do Liverpool. “Vá”, disse ele. “Leve a vida da maneira mais normal possível.”

A suspeita era de que Laurie tivesse rhabdomiossarcoma, um câncer raro mas detectável e, em geral, de tratamento possível, que ataca os tecidos moles, mas apenas de pessoas com menos de 20 anos. Na verdade, no dia seguinte ao nosso encontro com o Dr. Hobin, Hilary, Laurie e eu ficamos sabendo que o tumor dele era o primo “mau” desse tipo de câncer: rhabdomiossarcoma alveolar, ainda mais raro, mais agressivo e muito mais propenso a recidiva.



O tumor já havia atingido o terceiro de quatro possíveis estágios. As chances de recuperação, segundo o Dr. Hobin, eram “medianas”. Mas o que isso queria dizer? “Cinqüenta por cento.” Minha cabeça girava, pensei que fosse desmaiar ali mesmo. Laurie, compreensivelmente, desatou a chorar.

Uma semana depois, quando fomos chamados para o que imaginei se tratar de uma discussão técnica de praxe, meu filho não foi convidado. “Você vai nos maltratar de novo?”, perguntei ao médico, brincando. O Dr. Hobin havia estudado as imagens com maior atenção. O câncer se espalhara mais do que ele previra: já avançava em direção à aorta. Na verdade, aquele era o temido quarto estágio.

Na praia: Laurie, aos 10 anos, com Vika. E o primeiro dia de aula na escola (acima).

Isso significava dar a Laurie uma série de doses elevadas de quimioterápicos, que não poderia ser repetida – o corpo dele não agüentaria. Se falhasse, não restaria outra munição. A quimioterapia do início do século 21 será vista pelos futuros médicos com o desprezo que os atuais têm pelas sangrias.

Os remédios de fato matam as células cancerosas, mas também destroem tudo o que encontram pela frente, principalmente as outras células corporais de rápido crescimento – por exemplo, os folículos do couro cabeludo, motivo pelo qual o cabelo dos pacientes cai, como o de Laurie

logo caiu, em tufos impressionantes, numa tarde de verão. E os medicamentos ainda reduzem a contagem de glóbulos brancos, deixando a pessoa, já debilitada, vulnerável a infecções. Assim, quando o paciente começa a se recuperar da quimioterapia, pode precisar ser levado ao hospital para passar uma semana recebendo transfusões e antibióticos – no caso de Laurie, isso ocorreu pelo menos meia dúzia de vezes.

Os outros efeitos são menos previsíveis, embora o hospital achasse que tinha todas as possibilidades listadas num folheto que nos deram. De fato, os sentidos de Laurie se alteraram. As papilas gustativas se rebelaram, como numa versão “radical” de gravidez. Dali em diante, ele só comia esporadicamente e, quando dizia querer determinado alimento, tínhamos de sair às pressas para comprá-lo, com medo de que a vontade passasse.

O olfato ficou aguçado. Laurie não conseguia permanecer no mesmo ambiente em que houvesse uma xícara de café ou alguém usando perfume. Carne assada no forno ou canja de galinha no fogão eram um tormento. A audição se tornou mais sensível, de modo que, da primeira dose em diante, ele passou a detestar qualquer tipo de som alto: nunca mais teria o prazer da música.

E havia também a dor. Laurie logo começou a tomar morfina para diminuir o sofrimento causado pelo câncer original. Mas a morfina provoca prisão de ventre, o que era pior.

TAMBÉM TÍNHAMOS de nos preocupar com Vika. Aos olhos dela, cair doente parecia ser um jeito eficaz de chamar a atenção. Então, queria ficar debilitada como Laurie. Em 22 de maio de 2004, na véspera de seu sexto aniversário, Vika conseguiu o que queria. Pulando na cama elástica, quebrou o tornozelo e acabou tendo de engessá-lo, para sua leve satisfação.

No começo de agosto, Laurie tomou a última dose da primeira fase de quimioterapia, depois da qual lhe haviam prometido um descanso. Tudo parecia se estabilizar: o tumor original estava regredindo.

EM SETEMBRO DE 2004, nossa vida havia retomado um pouco o equilíbrio: a “nova normalidade”, como eu a chamava. Laurie voltou para casa e para a escola durante algum tempo, enquanto os médicos avaliavam a situação e anunciavam que uma cirurgia – a estratégia normal para os sarcomas – era impossível por causa da localização do tumor, e que o passo seguinte seria a radioterapia e “quimioterapia de manutenção”, doses muito mais baixas para afastar qualquer possibilidade de recaída.

A radioterapia durou dois meses: cinco minutos por dia, cinco dias por semana. Mas a vida de Laurie ficou de fato mais tolerável. Havia até alguns momentos de prazer. Ele recuperou o entusiasmo para vencer os amigos no *videogame* e chegou a recobrar um pouco do apetite. O dia em que pediu para repetir as asas de frango foi para nós de puro deleite.



O Natal e o Ano-novo transcorreram bem, entre amigos e boas risadas. Passaram-se dois meses inteiros sem que Laurie precisasse ser levado às pressas para o hospital com alguma febre alucinante. Agora toda a dor era conseqüência do tratamento, e não do tumor.

Na primavera ele recobrou as forças. O cabelo ressurgiu. Laurie voltou a estudar, em período parcial, criando um modo habilidoso de ajeitar os horários de forma a jamais conseguir estar bem o suficiente para a aula de Matemática.

Voltou a jogar tênis, acertando a bola com a precisão de sempre, embora sem conseguir correr muito. Pesava-se diariamente. Cada quilo reconquistado era motivo de comemoração.

Na “celebração de sua vida”, em outubro de 2005, os amigos da escola americana de Laurie soltaram balões em sua homenagem.

EM 21 DE MAIO, organizamos uma festa de aniversário conjunta para nossos filhos – que completavam 13 e 7 anos – e convidamos os muitos vizinhos que nos haviam ajudado em dias difíceis. Havia um sentido implícito: sabíamos que os bons tempos talvez não durassem muito. Não imaginávamos que durariam tão pouco.

Uma semana depois, Laurie passou a mão na cabeça e soltou um grito ao sentir um caroço. Quando o Dr. Hobin o examinou, ficou em dúvida: “Não sei o que é”, admitiu. Mas Hillary sabia. Compreendeu na noite em que Laurie lhe disse: “Mãe, estou

com dor nos rins.” E o Dr. Hobin soube quando viu a radiografia que mostrava tumores não apenas na cabeça de Laurie, mas também nas costas e na lateral do corpo.

Hilary e eu tomamos duas decisões, das quais jamais viríamos a nos arrepender. Primeira: Laurie morreria em casa, cercado pela família. Segunda: faríamos o que estivesse ao nosso alcance para protegê-lo da verdade – nosso filho nunca deveria perder a esperança.

Aos poucos, bem aos poucos, Laurie começou a piorar. Praticamente parou de comer. A morfina afastava a dor, mas o deixava mais sonolento. Parou de ler e falava pouco. Uma vez, no meio da noite, pediu para abraçar Vika; eu a peguei na cama, e eles se abraçaram por instinto, nenhum dos dois totalmente consciente.

Lá fora, os dias de setembro eram ensolarados e quentes. E Laurie não entregava os pontos. Até que, com o sol nascendo em mais um dia, em 22 de setembro de 2005, Hilary foi tomar banho, eu me deitei ao lado dele e cochilei, enquanto Vika brincava ao pé da cama. Nesse momento ele se foi. Em paz, como dizemos.

Não fizemos um funeral para Laurie, mas uma “celebração de sua vi-

da”. Trezentas pessoas se reuniram em nosso jardim numa tarde ensolarada, cantando, rindo e falando do passado. Pedi a elas que se lembrassem do meu filho não como “o Laurie que morreu, mas como o Laurie que viveu”.

Seus amigos de Washington disseram que plantariam uma árvore para o “Larry”. Para nós, essa celebração foi mais comovente do que a nossa, porque partiu das crianças, unicamente para homenageá-lo, não por piedade de nós. Elas não tinham nenhuma lembrança da doença, apenas notícias vindas de longe.

Traziam na memória o menino desportista com sotaque britânico, e fizeram um maravilhoso álbum de recordações dele. Uma menina de 9 anos, irmã mais nova de um de seus amigos, escreveu: “Lembro que ele sempre ria quando não era para rir.” E até hoje rimos disso.

Não existe nada como a morte de um filho. Quando Laurie se foi, perdi meu melhor amigo e metade das minhas esperanças e sonhos. Hilary e eu nunca superaremos esse trauma. Não queremos superar. O desafio é aceitar a morte de Laurie na narrativa de nossas vidas sem destruir tudo o mais que tocamos.

GRANDE PRÊMIO

Como minha amiga Donna não usava a churrasqueira a gás, decidi anunciá-la nos classificados. Vendeu-a imediatamente.

Cerca de um mês depois, ela recebeu um telefonema do jornal. Eles haviam feito um concurso e ela foi a vencedora. O prêmio era uma churrasqueira a gás.

DIANE GUMPRICH, Canadá